

O
COR
TTI
CO

aluísio
azevedo

textos
informativos:
fátima
mesquita

7ª impressão



© Panda Books

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Projeto gráfico e capa
Casa Rex

Diretora comercial
Patth Pachas

Fotos
p. 24, 96, 98 e 217: © iStock
p. 36: © Marc Ferrez/Instituto Moreira Sales

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

p. 38: © Science Museum/Welcome Images/CC-BY-4.0
p. 46: © Freepik

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

p. 209 e 301: © divulgação
p. 301: vendedora © Marc Ferrez/Biblioteca Nacional

Assistente editorial
Olivia Tavares

Notas
Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto
Ronald Polito

Revisão
Carmen T. S. Costa
Beatriz de Freitas Moreira

Impressão
Loyola

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1890, publicada por B. L. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro.

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Azevedo, Aluisio, 1857-1913
O cortiço / Aluisio Azevedo. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2017.
304 pp. il.

ISBN 978-85-7888-643-1

1. Ficção brasileira. I. Título.

16-38119

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

2021

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi rere ler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

DESENHANDO COM PALAVRAS

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo é de São Luís, capital do Maranhão. Ele nasceu ali em 14 de abril de 1857 e já veio ao mundo metido num baita de um escândalo. Acontece que o pai dele era da diplomacia portuguesa, viúvo, e acabou juntando seus trapos com uma senhora portuguesa separada, e isso, naquela época, causava um disse que disse sem fim.

Talvez até por conta de enfrentar desde sempre essa carga braba de preconceito, Aluísio acabou criticando tanto a socieda-

de brasileira em seus escritos. O cara era uma metralhadora, disparando críticas contra a escravidão, contra o racismo, contra o poder da Igreja Católica...

Agitado e cheio de talentos variados, Aluísio trabalhou em várias coisas. Foi jornalista, professor e funcionário público, redigiu peças – muitas vezes em dobradinha com seu irmão mais velho, Artur de Azevedo – e ainda criou cenários para teatro, escreveu romances, contos, crônicas, poemas, além de ter desenhado caricaturas.

Aliás, era o máximo como ele buscava inspiração e informação para seus trabalhos. No papel de jornalista, ele visitava os lugares e batia altos papos com a galera, e esse material depois ia servir ou de ambiente ou de personagens para os seus livros. Ele também lançava mão de seus dotes de desenhista para traçar no papelão a cara e o corpo de seus personagens. Depois, Aluísio brincava de teatrinho com aquilo, recortando os desenhos e botando aqueles bonecos em ação, para assim melhor visualizar as cenas que ia imaginando.

A carreira dele como escritor é dividida em duas fases. Na primeira fase, ele faturou uma boa bufunfa escrevendo coisas de qualidade duvidosa, meladas, sentimentais, no estilo que os professores de literatura chamam de Romantismo e que eram muito consumidas pelos leitores da época. Mas foi mesmo na segunda fase que Aluísio fez história, tornando-se um precursor e craque num estilo diferente de escrever que ficou conhecido como Naturalismo.

A NATUREZA E O BICHO-HOMEM

O tal do Naturalismo não estava nem aí pro mundo idealizado e cheio de chororô do Romantismo. Os naturalistas queriam mesmo era contar tudo bem do jeitinho que as coisas eram, como se tirassem um retrato da sociedade sem Photoshop, sem esconder os podres nem nada. A única diferença era que esse retrato, no lugar de pixels, era feito de palavras. E aqui vale lembrar que o interesse número 1 do Aluísio sempre havia sido o desenho, a pintura. Tanto era assim que ele havia até se mudado do Maranhão pro Rio pra estudar belas-artes.

E por que ele caiu nessa coisa de mudar o jeito como escrevia? Ah, isso aconteceu por influência da Europa. Os escritores de lá, como o francês Émile Zola, já estavam agitando textos mais realistas, falando dos agrupamentos humanos, denunciando a fome, a miséria e a marginalização, incluindo elementos da medicina e da ciência, em voga naquele período. Daí Aluísio começou a adotar em seus escritos um estilo e temas que iam nessa levada, que se inspiravam nessa novidade europeia que era o Naturalismo.

Foi assim que o mundo real entrou para nossa literatura, mostrando a vida do povo pobre e do povo mais ou menos, mostrando gente casada tendo casos, homossexuais levando a vida deles, e tudo isso com muito sexo rolando, muita malandragem, safadeza, vício de todo tipo e gíria. Este livro aqui, *O cortiço*, é bem isso mesmo.

Aluísio escreveu muitos livros – entre romances, novelas, crônicas e peças de teatro – como *O mulato* (1881) e *Casa de pensão* (1884). Bom, depois de tanta coisa escrita e de sucesso de público e crítica, ele resolveu colocar um ponto-final na carreira de escritor. Prestou um concurso e, em 1895, virou diplomata, fez as malas e seguiu viagem a serviço, passando longas temporadas na Espanha, Japão, Uruguai, Inglaterra, Itália, Paraguai e, finalmente, Argentina, onde o escritor acabou morrendo aos 56 anos.

UM TIQUINHO ANTES DAS FAVELAS

Dentre a lista de livros que Aluísio Azevedo publicou, *O cortiço* (1890) é considerado o melhor deles. Para falar a verdade, ele é considerado uma obra-prima! O livro trata da vida miserenta do pessoal que morava nos cortiços do Rio de Janeiro daquela época e faz isso com uma linguagem muito bacanuda e forte.

Antes de as favelas tomarem conta das cidades brasileiras e, em especial, do Rio, a galera sem muita grana no bolso se aboletava mesmo era nos cortiços. Os camelôs, as lavadeiras, os malandros, o pessoal que trabalhava pesado, os balconistas das lojas, umas prostitutas metidas a chiques, bandidos, benzedeiros, a turma barra-pesada da capoeira da época... É o conjunto desse pessoal todo que vira o personagem principal deste livro, em que rola de tudo. Inclusive, o próprio cortiço pode ser considerado um personagem.

O livro também mostra bem direitinho como se relacionavam negros, mulatos, brancos, brasileiros, portugueses e italianos. Como eles se estranhavam muitas vezes (rola cada baixaria!) e como também, noutras tantas vezes, viviam juntos e muito bem. E tem outra coisa neste livro que é legal e que tem tudo a ver com os naturalistas: o tempo todo o autor compara os personagens com bichos e plantas, técnica chamada de “zoomorfização”. Isso era pra mostrar o quanto o meio e os instintos condicionavam o homem, ideia muito difundida pelos cientistas na época em razão do darwinismo. Durante a leitura você sentirá que seus cinco sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato) ficarão aguçados com a descrição das cenas.

Outra coisa interessante de se pensar é que em 1890, quando *O cortiço* foi lançado, o nosso Brasil estava vivendo dias agitados, com a abolição da escravatura rolando em 1888 e a Proclamação da República em 1889, e que isso, mesmo que de forma indireta ou discreta, está presente na obra. O período que o autor retrata ainda mostra um país monárquico e escravocrata.

Se você não cismar de sofrer com a língua que é, claro, diferente do português que a gente usa hoje em dia, você vai se divertir com a malandragem que corre solta nas páginas deste livro e com o erotismo bem ousado para a época. E pra te dar uma mãozinha extra, a gente ainda lotou o texto de **explicações e links** bem espertos pra sua leitura ficar ainda mais suave e tranquila. Você vai ver que esta história, escrita há mais de 120 anos, tem tudo a ver com a nossa sociedade de hoje. Então, deixa o bode de lado, desamarrar essa tromba de quem está sendo obrigado a ler um livro e tente curtir, na boa, o que tem de engraçado e interessante nesta trama.

Vale a pena tentar!

Fátima Mesquita

 Fotos para contextualizar a cena.

 Sugestões de pesquisa na internet.

 Comentários curtos e curiosidades.

 Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

I	12
II	29
III	42
IV	57
V	67
VI	73
VII	83
VIII	101
IX	118
X	138
XI	160
XII	174

XIII	184
XIV	195
XV	207
XVI	219
XVII	232
XVIII	237
XIX	243
XX	257
XXI	266
XXII	280
XXIII	287

“Periculum dicendi non recuso.”¹

CÍCERO

“La vérité, toute la vérité, rien que la vérité.”²

DROIT CRIMINEL

“Os meus honrados colegas do jornalismo, e todos esses grandes publicistas que fatigam o céu e a terra para provar que esta em que estamos é a verdadeira época de transição, esses nos dirão se a Providência andaria bem ou mal se hoje suscitasse um novo Timon da verdadeira raça das fúrias, que com as pontas viperinas do azorrague vingador lacerasse sem piedade os crimes e os vícios que a desonram.”

JOÃO FRANCISCO LISBOA

Jornal de Timon

Prospecto – Obras completas

1^a vol., pág. 12

“Un Oyseau qui se nomme cigale estoit en un figuier, et François tendit sa main et appella celluy oyseau, et tantost il obeyt et vint sur sa main. Et il lui deist: Chante, ma seur, et loue nostre Seigneur. Et adoncques chanta incontinent, et ne sen alla devant quelle eust congé.”³

JACQUES DE VORAGINE

La Légende Dorée

Traduction française

1 “Não recuso o risco de falar.”

2 “A verdade, toda a verdade, nada além da verdade.” (*Direito Criminal*)

3 “Uma cigarra estava pousada numa figueira. Francisco estendeu a mão e a chamou. Ela obedeceu e pousou em sua mão. Francisco, então, disse à cigarra: cante, minha irmã, e louve nosso Senhor. Ela se pôs a cantar e só parou quando foi liberada.” (*La Légende Doreé*, tradução francesa)

I

Refolhos: cantos escondidos.

Esta terra aqui é Portugal, ora pois! O patrão de João Romão era português e foi-se embora pra terra dele.

João Romão foi, dos 13 aos 25 anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos **refolhos** do bairro de Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão **para a terra**, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem-afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; **pagava de jornal** a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, **estrompado** como uma besta.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. "Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr'ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!" E segredou-lhe então o que já tinha junto para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia, e era também quem punha e dispunha dos seus **pecúlios**, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta-corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de "seu João", como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal-escrito e em letras cortadas de jornal: "**Ativo e passivo** de Bertoleza".

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão.

Muitas vezes, os escravos trabalhavam longe de seus donos, pagando pelo direito de "liberdade". No caso da Bertoleza, ela pagava por dia de trabalho, por jornada ou, como diziam naquela época, "de jornal". Quem trabalhava assim, podia ser chamado de "jornaleiro".

Estrompado: cansado, fatigado.

Pecúlio: reserva de dinheiro, bens, propriedades.

☒ O caderninho era a contabilidade de Bertoleza: as entradas (ativo) e saídas (passivo) de dinheiro.

Dar fé: perceber,
notar, ver.

Cafuzo:
negro + índio.

D "Dous" e "dois"
é a mesma coisa, e
Azevedo usa ambas
as formas no livro.



Pespegar: colocar.

Burla: fraude.

Quando **deram fé** estavam amigados.

Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a **cafuzo**, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza. Havia, além da cama, uma cômoda de jacarandá muito velha com maçanetas de metal amarelo já mareadas, um oratório cheio de santos e forrado de papel de cor, um baú grande de couro cru tacheado, **dous** banquinhos de pau feitos de uma só peça e um formidável cabide de pregar na parede, com a sua competente coberta de retalhos de chita.

O vendeiro nunca tivera tanta mobília.

– Agora, disse ele à crioula, as coisas vão correr melhor para você. Você vai ficar forra; eu entro com o que falta.

Nesses dias ele saiu muito à rua, e uma semana depois apareceu com uma folha de papel toda escrita, que leu em voz alta à companheira.

– Você agora não tem mais senhor! declarou em seguida à leitura, que ela ouviu entre lágrimas agradecidas. Agora está livre! Doravante o que você fizer é só seu e mais de seus filhos, se os tiver. Acabou-se o cativo de pagar os vinte mil-réis à peste do cego!

– Coitado! A gente se queixa é da sorte! Ele, como meu senhor, exigia o jornal, exigia o que era seu!

– Seu ou não seu, acabou-se! E vida nova!

Contra todo o costume, abriu-se nesse dia uma garrafa de vinho do Porto, e os dous beberam-na em honra ao grande acontecimento. Entretanto, a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo, que ele entendeu de **pespegar-lhe** em cima, para dar à **burla** maior formalidade, representava despesa, porque o esperto aproveitara uma estampilha já servida. O senhor de Bertoleza não teve sequer



conhecimento do fato; o que lhe constou, sim, foi que a sua escrava lhe havia fugido para a Bahia depois da morte do amigo.

– O cego que venha buscá-la aqui, se for capaz!... desafiou o vendeiro de si para si. Ele que caia nessa e verá se **tem ou não para peras!**

Não obstante, só ficou tranquilo de todo daí a três meses, quando lhe constou a morte do velho. A escrava passara naturalmente em herança a qualquer dos filhos do morto; mas, por estes, nada havia que recear: dous **pândegos** de marca maior que, empolgada a legítima, cuidariam de tudo, menos de atirar-se na pista de uma crioula a quem não viam de muitos anos àquela parte. “Ora! bastava já, e não era pouco, o que lhe tinham sugado durante tanto tempo!”

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. **Mourejava** a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na **faina** de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de **zuarde** e outras tantas camisas de riscado.

Ter para pera:
encrenca.

Pândego: brincalhão.

E “Mourejar” quer dizer trabalhar como um mouro, ou seja, dar duro, trabalhar muito.

Faina: trabalho duro.

Zuarde: tecido de algodão barato.

Naquela época, um senhor de terra tinha muitos bens. Assim como hoje, quando ele morria, todos os seus bens, inclusive suas terras e seus escravos (sim, escravos eram tidos como bens materiais) passavam automaticamente para a posse de seus herdeiros (em geral, os filhos). Mas quando um senhor morria sem deixar herdeiros, seus bens iam a leilão em praça pública (hasta pública).

João Romão não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos; tudo que rendia a sua venda e mais a quitanda seguia direitinho para a caixa econômica e daí então para o banco. Tanto assim que, um ano depois da aquisição da crioula, indo em **hasta pública** algumas braças de terra situadas ao fundo da taverna, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de construir três casinhas de porta e janela.

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto.

Estes furtos eram feitos com todas as cautelas e sempre coroados do melhor sucesso, graças à circunstância de que nesse tempo a polícia não se mostrava muito por aquelas alturas. João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte, e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que se não ouvia vislumbre de rumor. Depois, um tomava uma carga e partia para casa, enquanto o outro **ficava de alcateia** ao lado do resto, pronto a dar sinal em caso de perigo; e, quando o que tinha ido voltava, seguia então o companheiro, carregado por sua vez.

Nada lhes escapava, nem mesmo as escadas dos pedreiros, os cavalos de pau, o banco ou a ferramenta dos marceneiros.

E o fato é que aquelas três casinhas, tão engenhosamente construídas, foram o ponto de partida do grande cortiço de São Romão.

Hoje quatro braças de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores.

E "Ficar de alcateia" é ficar de tocaia, de vigia, à espreita.

Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois, João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele, todos os dias, ao cair da tarde, assentado um instante à porta da venda, contemplava de longe com um resignado olhar de cobiça.

Pôs lá seis homens a quebrarem pedra e outros seis a fazerem lajedos e paralelepípedos, e então principiou a ganhar em grosso, tão em grosso que, dentro de ano e meio, arrematava já todo o espaço compreendido entre as suas casinhas e a pedreira, isto é, umas oitenta braças de fundo sobre vinte de frente em plano enxuto e magnífico para construir.

Justamente por essa ocasião vendeu-se também um sobrado que ficava à direita da venda, separado desta apenas por aquelas vinte braças; de sorte que todo o flanco esquerdo do prédio, coisa de uns vinte e tantos metros, despejava para o terreno do vendeiro as suas nove janelas de peitoril. Comprou-o um tal Miranda, negociante português, estabelecido na rua do Hospício com uma loja de **fazendas** por atacado. Corrida uma limpeza geral no casarão, mudar-se-ia ele para lá com a família, pois que a mulher, Dona Estela, senhora pretensiosa e com fumaças de nobreza, já não podia suportar a residência no centro da cidade, como também sua menina, a Zulmirinha, crescia muito pálida e precisava de largueza para enrijar e tomar corpo.

Isto foi o que disse o Miranda aos colegas, porém a verdadeira causa da mudança estava na necessidade, que ele reconhecia urgente, de afastar Dona Estela do alcance dos seus caixeiros. Dona Estela era uma mulherzinha levada da breca: achava-se casada havia 13 anos e durante esse tempo dera ao marido toda sorte de desgostos. Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante

Antigamente era muito comum as pessoas usarem a palavra "fazenda" como sinônimo de "pão". Aliás, na segunda metade do século XIX, o Brasil foi um grande produtor de tecidos usando o algodão como matéria-prima.

delito de adultério; ficou furioso e o seu primeiro impulso foi de mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o **dote** que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de quê, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem. Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a ideia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de se haver habituado a umas tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa.

Durante muito tempo, a mulher de elite sustentava toda a família! Isso porque, ao casar, ela levava consigo um volume de bens e/ou dinheiro que era o dote oferecido pelo pai da noiva ao noivo. E o "regime dotal" dava ao marido todos os poderes para administrar e usufruir desses bens e valores como bem quisesse.

Acovardado defronte destes raciocínios, contentou-se com uma simples separação de leitos, e os dous passaram a dormir em quartos separados. Não comiam juntos, e mal trocavam entre si uma ou outra palavra constrangida, quando qualquer inesperado acaso os reunia a contragosto.

Odiavam-se. Cada qual sentia pelo outro um profundo desprezo, que pouco a pouco se foi transformando em repugnância completa. O nascimento de Zulmira veio agravar ainda mais a situação; a pobre criança, em vez de servir de elo aos dous infelizes, foi antes um novo isolador que se estabeleceu entre eles. Estela amava-a menos do que lhe pedia o instinto materno por supô-la filha do marido, e este a detestava porque tinha convicção de não ser seu pai.

Uma bela noite, porém, o Miranda, que era homem de sangue esperto e orçava então pelos seus 35 anos, sentiu-se em insuportável estado de lubricidade. Era tarde já e não havia em casa alguma criada que lhe pudesse valer. Lembrou-se da mulher, mas repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la. Entretanto, este mesmo fato de obrigação em que ele se colocou de não servir-se dela, a responsabilidade de desprezá-la, como que ainda mais lhe assanhava o desejo da carne, fazendo da esposa infiel um fruto proibido. Afinal, coisa singular, posto que moralmente em nada diminuísse a sua repugnância pela **perjura**, foi ter ao quarto dela.

Perjura: quebra de juramento.

A mulher dormia a sono solto. Miranda entrou pé ante pé e aproximou-se da cama. “Devia voltar!... pensou. Não lhe ficava bem aquilo!...” Mas o sangue latejava-lhe, reclamando-a. Ainda hesitou um instante, imóvel, a contemplá-la no seu desejo.

Estela, como se o olhar do marido lhe apalpassse o corpo, torceu-se sobre o quadril da esquerda, repuxando com as coxas o lençol para a frente e patenteando uma nesga de nudez estofada e branca. O Miranda não pôde resistir, atirou-se contra ela, que, num pequeno sobressalto, mais de surpresa que de revolta, desviou-se, tornando logo e enfrentando com o marido. E deixou-se empolgar pelos rins, de olhos fechados, fingindo que continuava a dormir, sem a menor consciência de tudo aquilo.

Ah! ela contava como certo que o esposo, desde que não teve coragem de separar-se de casa, havia, mais cedo ou mais tarde, de procurá-la de novo. Conhecia-lhe o temperamento, forte para desejar e fraco para resistir ao desejo.

Consumado o delito, o honrado negociante sentiu-se tolhido de vergonha e arrependimento. Não teve ânimo de dar palavra, e retirou-se tristonho e murcho para o seu quarto de **desquitado**.

Oh! como lhe doía agora a que acabava de praticar na cegueira da sua sensualidade.

– Que cabeçaçada!... dizia ele agitado. Que formidável cabeçaçada!...

No dia seguinte, os dois viram-se e evitaram-se em silêncio, como se nada de extraordinário houvera entre eles acontecido na véspera. Dir-se-ia até que, depois daquela ocorrência, o Miranda sentia crescer o seu ódio contra a esposa. E, à noite desse mesmo dia, quando se achou sozinho na sua cama estreita, jurou mil vezes aos seus **brios** nunca mais, nunca mais, praticar semelhante loucura.

Mas, daí a um mês, o pobre homem, acometido de um novo acesso de luxúria, voltou ao quarto da mulher.

Estela recebeu-o desta vez como da primeira, fingindo que não acordava; na ocasião, porém, em que ele se apoderava dela febrilmente, a leviana, sem se poder conter, soltou-lhe em cheio contra o rosto uma gargalhada que a custo

Apesar de a primeira separação ter acontecido no século XVI, com lei instituída pelo rei Henrique VIII, da Inglaterra, em benefício próprio, esse só foi um processo que começou a ser mais bem-aceito pela sociedade brasileira a partir da década de 1960. Antes disso, eram raríssimos os casos de separações por serem motivo de grande vergonha ao casal.

Brio: honra, orgulho.

Sopear: deter,
conter.

Capitosa é algo
inebriante, que
arrebata ou extasia.

sopeava. O pobre-diabo desnor-teou, deveras escandalizado, soerguendo-se, brusco, num estremunhamento de sonâmbulo acordado com violência.

A mulher percebeu a situação e não lhe deu tempo para fugir; passou-lhe rápido as pernas por cima e, grudando-se-lhe ao corpo, cegou-o com uma metralhada de beijos.

Não se falaram.

Miranda nunca a tivera, nem nunca a vira, assim tão violenta no prazer. Estranhou-a. Afigurou-se-lhe estar nos braços de uma amante apaixonada; descobriu nela o **capitosa** encanto com que nos embebedam as cortesãs amestradas na ciência do gozo venéreo. Descobriu-lhe no cheiro da pele e no cheiro dos cabelos perfumes que nunca lhe sentira; notou-lhe outro hálito, outro som nos gemidos e nos suspiros. E gozou-a, gozou-a loucamente, com delírio, com verdadeira satisfação de animal no cio.

E ela também, ela também gozou, estimulada por aquela circunstância picante do ressentimento que os desunia; gozou a desonestidade daquele ato que a ambos acanalhava aos olhos um do outro; estorceu-se toda, rangendo os dentes, grunhindo, debaixo daquele seu inimigo odiado, achando-o também agora, como homem, melhor que nunca, sufocando-o nos seus braços nus, metendo-lhe pela boca a língua úmida e em brasa. Depois, num arranco de corpo inteiro, com um soluço gutural e estrangulado, arquejante e convulsa, estatelou-se num abandono de pernas e braços abertos, a cabeça para o lado, os olhos moribundos e chorosos, toda ela agonizante, como se a tivessem crucificado na cama.

A partir dessa noite, da qual só pela manhã o Miranda se retirou do quarto da mulher, estabeleceu-se entre eles o hábito de uma felicidade sexual, tão completa como ainda não a tinham desfrutado, posto que no íntimo de cada um persistisse contra o outro a mesma repugnância moral em nada enfraquecida.

Durante dez anos viveram muito bem-casados; agora, porém, tanto tempo depois da primeira infidelidade conjugal, e agora que o negociante já não era acometido tão frequentemente por aquelas crises que o arrojavam fora de horas ao dormitório de Dona Estela; agora, eis que a leviana parecia dis-



posta a reincidir na culpa, dando corda aos caixeiros do marido, na ocasião em que estes subiam para almoçar ou jantar.

Foi por isso que o Miranda comprou o prédio vizinho a João Romão.

A casa era boa; seu único defeito estava na escassez do quintal; mas para isso havia remédio: com muito pouco compravam-se umas dez braças daquele terreno do fundo, que ia até à pedreira, e mais uns dez ou 15 palmos do lado em que ficava a venda.

Miranda foi logo entender-se com o Romão e propôs-lhe negócio. O taverneiro recusou formalmente.

Miranda insistiu.

– O senhor perde seu tempo e seu latim! retrucou o amigo de Bertoleza. Nem só não cedo uma polegada do meu terreno, como ainda lhe compro, se mo quiser vender, aquele pedaço que lhe fica ao fundo da casa!

– O quintal?

– É exato.

– Pois você quer que eu fique sem chácara, sem jardim, sem nada?

– Para mim era de vantagem...

– Ora, deixe-se disso, homem, e diga lá quanto quer pelo que lhe propus.

– Já disse o que tinha a dizer.

– Ceda-me então ao menos as dez braças do fundo.

– Nem meio palmo!

– Isso é maldade de sua parte, sabe? Eu, se faço tamanho empenho, é pela minha pequena, que precisa, coitada, de um pouco de espaço para alargar-se.

– E eu não cedo, porque preciso do meu terreno!

– Ora qual! Que diabo pode lá você fazer ali? Uma porcaria de um pedaço de terreno quase grudado ao morro e aos fundos de minha casa! quando você, aliás, dispõe de tanto espaço ainda!

– Hei de lhe mostrar se tenho ou não o que fazer ali!

– É que você é teimoso! Olhe, se me cedesse as dez braças do fundo, a sua parte ficaria cortada em linha reta até à pedreira, e escusava eu de ficar com uma aba de terreno alheio a meter-se pelo meu. Quer saber? não amuro o quintal sem você decidir-se!

– Então ficará com o quintal para sempre sem muro, porque o que tinha a dizer já disse!

– Mas, homem de Deus, que diabo! pense um pouco! Você ali não pode construir nada! Ou pensará que lhe deixarei abrir janelas sobre o meu quintal?...

– Não preciso abrir janelas sobre o quintal de ninguém!

– Nem tampouco lhe deixarei levantar parede, tapando-me as janelas da esquerda!

– Não preciso levantar parede desse lado...

– Então que diabo vai você fazer de todo este terreno?...

– Ah! isso agora é cá comigo!... **O que for soar!**

– Pois creia que se arrepende de não me ceder o terreno!...

– Se me arrepender, paciência! Só lhe digo é que muito mal se sairá quem quiser meter-se cá com a minha vida!

– Passe bem!

– Adeus!

Travou-se então uma luta **renhida** e surda entre o português negociante de fazendas por atacado e o português negociante de **secos e molhados**. Aquele não se resolvia a fazer o muro do quintal, sem ter alcançado o pedaço de terreno que o separava do morro; e o outro, por seu lado, não perdia a esperança de apanhar-lhe ainda, pelo menos, duas ou três braças aos fundos da casa; parte esta que, conforme os seus cálculos, valeria oiro, uma vez realizado o grande projeto que ultimamente o trazia preocupado – a criação de uma estalagem em ponto enorme, uma estalagem monstro, sem exemplo, destinada a matar toda aquela miuçalha de cortiços que alastravam por Botafogo.

E Ou seja, o que tiver de ser, será!

Renhido:
violento.

E "Oiro" é o mesmo que "ouro", e o autor gosta de usar as duas formas ao longo da história.

Antigamente, vender secos e molhados significava ter um comércio (uma venda ou mercearia) com produtos de gênero alimentício líquidos e mantimentos sólidos e/ou secos.

Hoje em dia, a gente chama esse cachorro de fila ou fila brasileiro. Trata-se mesmo de uma raça única surgida aqui no Brasil provavelmente da mistura de raças como o bloodhound, o mastiff e o bulldog inglês, trazidos para cá por portugueses e espanhóis. O nome tem a ver com o ato de filar, que quer dizer "agarrar", "prender com os dentes", e que explica exatinho como esse cão era usado para capturar escravos: o fila abocanhava o sujeito e não o largava até a chegada do dono.



Resinga: discussão.

Era este o seu ideal. Havia muito que João Romão vivia exclusivamente para essa ideia; sonhava com ela todas as noites; comparecia a todos os leilões de materiais de construção; arrematava madeiramentos já servidos; comprava telha em segunda mão; fazia pechinchas de cal e tijolos; o que era tudo depositado no seu extenso chão vazio, cujo aspecto tomava em breve o caráter estranho de uma enorme barricada, tal era a variedade de objetos que ali se apinhavam acumulados: tábuas e sarrafos, troncos de árvore, mastros de navio, caibros, restos de carroças, chaminés de barro e de ferro, fogões desmantelados, pilhas e pilhas de tijolos de todos os feitios, barricas de cimento, montes de areia e terra vermelha, aglomerações de telhas velhas, escadas partidas, depósitos de cal, o diabo enfim; ao que ele, que sabia perfeitamente como essas coisas se furtavam, resguardava, soltando à noite um formidável **cão de fila**.

Este cão era pretexto de eternas **resingas** com a gente do Miranda, a cujo quintal ninguém de casa podia descer, depois das dez horas da noite, sem correr o risco de ser assaltado pela fera.

– É fazer o muro! dizia João Romão, sacudindo os ombros.

– Não faço! replicava o outro. Se ele é questão de capricho, eu também tenho capricho!

Em compensação, não caía no quintal do Miranda galinha ou frango, fugidos do cercado do vendeiro, que não levasse imediato sumiço. João Romão protestava contra o roubo em termos violentos, jurando vinganças terríveis, falando em dar tiros.

– Pois é fazer um muro no galinheiro! repontava o marido de Estela.

Daí a alguns meses, João Romão, depois de tentar um derradeiro esforço para conseguir algumas braças do quintal do vizinho, resolveu principiar as obras da estalagem.

– Deixa estar, conversava ele na cama com a Bertoleza; deixa estar que ainda lhe hei de entrar pelos fundos da casa,

se é que não lhe entre pela frente! Mais cedo ou mais tarde como-lhe, não duas braças, mas seis, oito, todo o quintal e até o próprio sobrado talvez!

E dizia isto com uma convicção de quem tudo pode e tudo espera da sua perseverança, do seu esforço inquebrantável e da fecundidade prodigiosa do seu dinheiro, dinheiro que só lhe saía das unhas para voltar multiplicado.

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse **pecuniário**. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas.

Entretanto, a rua lá fora povoava-se de um modo admirável. Construía-se mal, porém muito; surgiam chalés e casinhas da noite para o dia; subiam os aluguéis; as propriedades dobravam de valor. Montara-se uma fábrica de massas italianas e outra de velas, e os trabalhadores passavam de manhã e às **Ave-Marias**, e a maior parte deles ia comer à **casa de pasto** que João Romão arranjara aos fundos da sua venda.

Abriram-se novas tavernas; nenhuma, porém, conseguia ser tão afreguesada como a dele. Nunca o seu negócio fora tão bem, nunca o finório vendera tanto; vendia mais agora, muito mais, que nos anos anteriores. Teve até de admitir caixeiros. As mercadorias não lhe paravam nas prateleiras; o balcão estava cada vez mais lustroso, mais gasto. E o dinheiro a pingar, vintém por vintém, dentro da gaveta, e

E "Pecuniário" é tudo o que é relativo a dinheiro. João Romão só pensava na bufunfa!

Antigamente ninguém tinha relógio ou olhava as horas no celular. Era o sino da igreja que batia as horas do dia. E por volta das seis da tarde o sino fazia a maior zoada pra informar todo mundo de que era a hora de encerrar os trabalhos. Por tradição trazida pelos portugueses, o povo rezava três ave-marias em seguida.

E Calma! Ninguém aqui comia grama. "Pasto" vem do latim "pastus", que quer dizer "comida em geral". Assim, "casa de pasto" nada mais é que um restaurante.

Burra: baú, arca.

Pipa: barril.

E Romão dava uma de esperto e “batizava” o vinho, misturando água e cachaça para render mais.

a escorrer da gaveta para a **burra**, aos cinquenta e aos cem mil-réis, e da burra para o banco, aos contos e aos contos.

Afinal, já lhe não bastava sortir o seu estabelecimento nos armazéns fornecedores; começou a receber alguns gêneros diretamente da Europa: o vinho, por exemplo, que ele dantes comprava aos quintos nas casas de atacado, vinha-lhe agora de Portugal às **pipas**, e **de cada uma fazia três com água e cachaça**; e despachava faturas de barris de manteiga, de caixas de conserva, caixões de fósforos, azeite, queijos, louça e muitas outras mercadorias.

Criou armazéns para depósito, aboliu a quitanda e transferiu o dormitório, aproveitando o espaço para ampliar a venda, que dobrou de tamanho e ganhou mais duas portas.

Já não era uma simples taverna, era um bazar em que se encontrava de tudo: objetos de armarinho, ferragens, porcelanas, utensílios de escritório, roupa de riscado para os trabalhadores, fazenda para roupa de mulher, chapéus de palha próprios para o serviço ao sol, perfumarias baratas, pentes de chifre, lenços com versos de amor, e anéis e brincos de metal ordinário.

E toda a gentalha daquelas redondezas ia cair lá, ou então ali ao lado, na casa de pasto, onde os operários das fábricas e os trabalhadores da pedreira se reuniam depois do serviço, e ficavam bebendo e conversando até às dez horas da noite, entre o espesso fumo dos cachimbos, do peixe frito em azeite e dos lampiões de querosene.

Era João Romão quem lhes fornecia tudo, tudo, até dinheiro adiantado, quando algum precisava. Por ali não se encontrava jornaleiro, cujo ordenado não fosse inteirinho parar às mãos do velhaco. E sobre este cobre, quase sempre emprestado aos tostões, cobrava juros de oito por cento ao mês, um pouco mais do que levava aos que garantiam a dívida com penhores de ouro ou prata.

Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dous passos da obrigação.

O Miranda rebentava de raiva.

– Um cortiço! exclamava ele, possesso. Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas!... Estragou-me a casa, o malvado!

E vomitava pragas, jurando que havia de vingar-se, e protestando aos berros contra o pó que lhe invadia em ondas as salas, e contra o infernal barulho dos pedreiros e carpinteiros que levavam a martelar de sol a sol.

O que aliás não impediu que as casinhas continuassem a surgir, uma após outra, e fossem logo se enchendo, a estenderem-se unidas por ali afora, desde a venda até quase ao morro, e depois dobrassem para o lado do Miranda e avançassem sobre o quintal deste, que parecia ameaçado por aquela serpente de pedra e cal.

O Miranda mandou logo levantar o muro.

Nada! aquele demônio era capaz de invadir-lhe a casa até à sala de visitas!

E os quartos do cortiço pararam enfim de encontro ao muro do negociante, formando com a continuação da casa deste um grande quadrilongo, espécie de pátio de quartel, onde podia formar um batalhão.

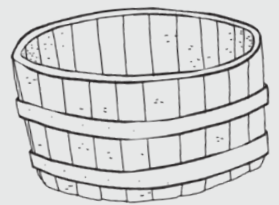
Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem.

Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de uma tabuleta amarela, em que se lia o seguinte, escrito a tinta encarnada e sem ortografia:

“Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e **tinas** para lavadeiras.”

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar.

Graças à abundância da água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se



Tina: vasilha, bacia.

Revérbero: luminoso.

Jirau: armação de madeira, estrado.

dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe. E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los.

E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o **revérbero** das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes **jiraus**, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.